Novo Boletim Bibliográfico

Informativo da Fundação Vingt-un Rosado

Mossoró - Rio Grande do Norte

Ano 71 - Número 170 - Agosto de 2019

Cantinho da Poesia

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

Colaboração de:
Geraldo Maia
Wilson Bezerra
Filemon Pimenta
Benedito Vasconcelos
Dix-sept Sobrinho
Renato Borges
Ricardo Alfredo

Agente Cultural - Coleção Mossoroense

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos: Todos os vencedores

Dicas de leitura de obras publicadas pela Coleção Mossoroense

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
CNPJ 70.302.583/0001-90
Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Terceiro andar - Centro – Mossoró / RN - Brasil CEP: 59600-065 Telefone: 84 98822 1721/ 84 98886 0520 / 3315 5177
https://colecaomossoroense.org.br e fvrcm@uol.com.br
Conta para depósito, transferência e/ou colaboração: Banco do Brasil - Agência 0036- 1 / Conta Corrente 153714-8.

Nome: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Cargo: Presidente

Nome: Wilson Bezerra de Moura
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Elder Heronildes da Silva
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Benedito Vasconcelos Mendes
Cargo: Conselho de Curador (Membro Nato)

Nome: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Francisco Rubens Coelho de Figueiredo
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Geraldo Maia do Nascimento
Cargo: Conselho de Curador (Membro Efetivo)

Nome: Daniela Rosado do Amaral
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Marcos Antônio Filgueira
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Wagner Rosado da Escóssia
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Paulo de Medeiros Gastão (in memoriam)
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Filemon Rodrigues Pimenta
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Almir Nogueira da Costa
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Novo
Boletim Bibliográfico
EXPEDIENTE:

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Projeto Gráfico: Geraldo Maia do Nascimento
Editoração, diagramação e revisão: Eriberto Monteiro
Colaboradores: Asclépius Saraiva, Geraldo Maia do Nascimento, Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Filemon Rodrigues Pimenta, Dix-sept Rosado Sobrinho, Benedito Vasconcelos Mendes, Douglas Soares, Yáscara Samara, Marcos Oliveira, Goretti Alves, Wanderlea Lima, Wilson Bezerra de Moura, Tales Augusto, Ernani Pinheiro, Josselene Marques, Lucas Rafael Monteiro, Marcus Vinícius, Airton Cilon e *Tomislav R. Femenick*.

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte está de parabéns pelos serviços prestados neste mês de agosto. A equipe tem trabalhado para atender bem ao público visitante que busca por conhecimento.

O projeto de interação "Direção Participativa", implantado para melhorar o atendimento aos visitantes da biblioteca, continua. Este projeto visa avaliar os serviços prestados por esta instituição sobre segurança, atendimento, acervos, equipamentos, horários e sugestões mais para melhorias. Para participar, retire o seu formulário na recepção da biblioteca, participe e deposite numa pequena urna. Sua opinião será analisada para futura aplicabilidade.

A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte recebeu uma doação do presidente da Fundação Vingt-un Rosado, o senhor Dix-sept Rosado Sobrinho, uma coleção completa de Monteiro Lobato. A coordenadora do espaço e professora, Francisca Maria de Araújo mostrou-se feliz com o presente. Segundo ela, "O melhor presente de 2019: a doação completa da obra de Monteiro Lobato, através do acadêmico, presidente da Fundação Vingt-un Rosado e incentivador maior da cultura mossoroense, o doutor Dix-sept Rosado Sobrinho. Nosso acervo agradece".

A diretora da biblioteca, a professora Maria das Graças Henrique, também se pronunciou a respeito da doação. Para Graça Henrique, "Muito importante para nosso Acervo e muito mais para a criançada que aqui tem vindo aprimorar seu gosto pela leitura e aprender mais sobre o nosso escritor dos pequenos Monteiro Lobato".

A estatística apresentou os seguintes números, conforme suas respectivas ações e distribuídas conforme a tabela abaixo:

Setores	Número de Usuário de cada setor
Recepção (visitante em geral)	594
Acervo geral	99
Acervo de Referência	01
Hemeroteca	26
Coleção Mossoroense (acervo da biblioteca municipal)/Coleção RN	21
Coleção Mossoroense (acervo da Fundação Vingt-un Rosado)	16
Acervo infantil	107
Estudo Coletivo	00
Empréstimo	91
Devolução	76
Carteira de Usuário	07
Auditório América Fernandes Rosado	313
Salão Marieta Lima – Eventos	50
Estudo individual	00

O horário normal de funcionamento da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte é de segunda à sexta, das 8h às 18h ao público em geral.

Já para o acesso à Fundação Vingt-un Rosado e acervo da Coleção Mossoroense, localizados no terceiro andar da biblioteca, o horário de visitas neste setor é de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h30.

Funciona também em horários extraordinários para eventos agendados. Para agendar sua visita ou para eventos, entrar em contatos pelos números: (84) 3315-5177 / 3315 5178 ou 3315 5179 e falar com Júlia Azevedo ou ainda pelo endereço virtual https://www.facebook.com/bibliotecaneypontesduarte.

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

Em agosto/2019 o Museu Histórico Lauro da Escóssia recebeu um total de 1.058 visitantes, divididos em 196 pessoas sem pré-agendamento e 862 pessoas que ligaram nos fones (84) 3315-4778/4776 ou Via WhatsApp (84)98103-3810 ou, ainda, de forma presencial, preenchendo a planilha de agendamento interna.

Foram 13 agendamentos. Visitaram o museu 35 cidades do Brasil, tais como: Natal/RN (194 pessoas) - Mossoró/RN (488 pessoas) - Fortaleza/CE (151) pessoas) - Apodi/RN (31 pessoas) e demais, divididos nas seguintes cidades: São Caetano/SP - Cabrobó/PE - Frutuoso Gomes/RN - Iturana/MG - Rio de Janeiro/RJ - Rio Branco/AC - Canoa Quebrada/CE - Parnaíba/PI, ente outras cidades do Brasil.

Teve, também, 02 do Exterior: Inglaterra (Reino Unido**).** Desta, o senhor Alistair Simpson e sua família; e a Cidade de Tennessee (EUA), sendo o senhor Akshay Soni.

A nossa faixa etária para este mês teve uma variante maior para a faixa etária de 0 a 14 anos, sendo no mês anterior de 42,2% e para este mês, 70,17%.

Acompanhe abaixo, a estatística com suas respectivas faixas etárias:

De 0 a 14 anos	**70,17%**
De 15 a 30 anos	**16,89%**
Acima de 30 anos	**12,94%**

Durante o mês de agosto, a equipe do museu deu evidência ao Dia Mundial da Fotografia, comemorado no dia 19 de agosto. Neste momento foi referenciado um dos maiores fotógrafos histórico de Mossoró: Manoelito Pereira.

Um dos momentos históricos de Mossoró, o Motim das Mulheres, que teve a frente Ana Floriano, também foi evidenciado durante o mês de agosto.

Tanto o dia Mundial da Fotografia quando o Motim das Mulheres tiveram a participação de historiadores e da imprensa local, dando ênfase a estas datas, somando-se importância de cada momento evidenciado nesta instituição cultural e de conhecimento.

A feirinha de produtos orgânicos, que acontece na lateral do museu, nas manhãs de sábado e domingo, é um sucesso.

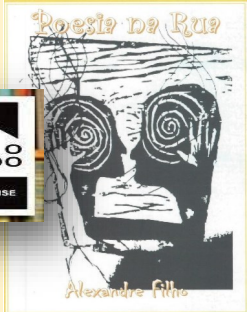
A Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP) mantem, conjuntamente com o Museu, atividades de elaboração de projetos para os meses seguintes. Uma parceria que rendem frutos.

Para o diretor-geral do museu, Asclépius Saraiva “Estamos Sempre em busca na missão da existência dos Museus, em manter viva nossa Memória, História e Cultura”.

No Museu Histórico Lauro da Escóssia você conhece sua história, sua cultura e ainda aprende sobre ela. Agende sua visita, através dos contatos: (84) 3315-4778/4776 ou ainda (84) 9-8103- 3810, número cedido gentilmente pelo diretor-geral desta instituição cultural. Segundo Asclépius “O contato poderá ser por meio de voz via telefone ou mensagens via WhatsApp. Fazemos agendamento das visitas para sua escola, agência de turismo, universidades e instituições em geral . Visitas agendadas com acompanhamento de guias capacitados”. Ele ainda acrescenta: “Será um prazer atendê-los”.

O horário de funcionamento é de terça à sexta, das 7h30 às 13h e aos sábados, das 7h às 11h. Funciona também em horários extraordinários, desde que seja devidamente agendada a visita.

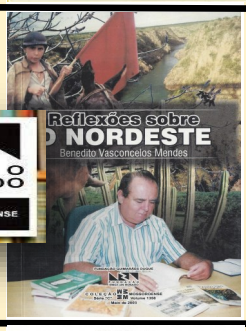
Eriberto Monteiro
eribertomonteiro@hotmail.com



Poesia de rua

Autor: Alexandre Filho - Volume: 01 - Ano: 2019 - Série K - 96 páginas - Formato: 10 x 15

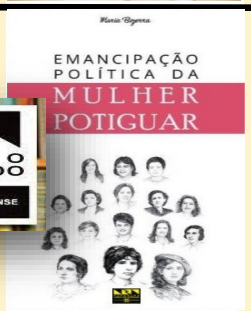
Inaugurando a série K, livro de bolso, esta obra traz poesias livres do poeta Alexandre Filho, grande revelação poética mossoroense.



Reflexões sobre o Nordeste

Autor: Benedito Vasconcelos Mendes - Volume: 1358 - Ano: 2003 - Série C - 104 páginas - Formato: 14,5 x 20,3

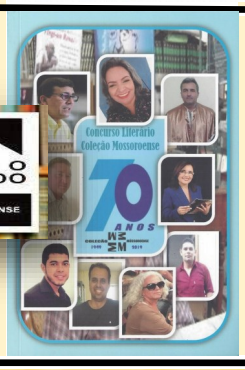
Obra número 4 mil da Coleção Mossoroense que relata vários aspectos sobre o nordeste brasileiro, pela visão do autor Benedito Vasconcelos Mendes, conhecido como o sábio do semiárido.



Emancipação política da mulher potiguar

Autor: Maria Bezerra - Volume: 1684 - Ano: 2019 - Série C - 420 páginas - Formato: 15 x 22

Obra póstuma de Maria Bezerra que pesquisou dados que vão de 1927 a 2000, numa coletânea de 1.000 verbetes sobre as mulheres eleitas e seus 1.400 mandatos, distribuído em mais de 400 páginas.



Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos

Autor: Coletânea - Volume: 1689 - Ano: 2019 - Série C - 112 páginas - Formato: 14,7 x 20,9

Esta obra é o resultado do concurso literário que celebra o aniversário de 70 anos da Coleção Mossoroense. Esta obra é de número 5 mil, com os textos vencedores nas categorias conto, crônica, poesia e reportagem.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.
Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Geraldo Maia do Nascimento
gemaia1@gmail.com

ANA FLORIANO

Em 30 de agosto de 1875, numa Segunda-feira, Mossoró viveu o mais esdrúxulo de seus movimentos libertatórios que foi "O Motim das Mulheres". Naquela data, cerca de trezentas mulheres saíram pelas ruas em passeata, com o objetivo de protestar contra a obrigatoriedade do alistamento militar.

Tudo começou quando o Gabinete do Visconde do Rio Branco aprovou o regulamento do recrutamento para o Exército e Armada. Esse regulamento teve repercussão desfavorável na Província do Rio Grande do Norte, onde várias comunidades se levantaram em sinal de protesto. Ninguém desejava que seus filhos fossem apanhados para o serviço militar, notadamente quando era sabido das intenções dos chefes políticos dominantes em darem sua preferência a filhos de adversários, como estava acontecendo em Mossoró. Desse modo, tomando conhecimento de levantes que estavam acontecendo em outros municípios, as mulheres mossoroenses promoveram uma manifestação e consequente passeata pelas ruas da cidade, rasgando os editais afixados na Igreja Matriz de Santa Luzia e dirigindo-se a casa do escrivão do Juiz de Paz de quem tomaram e rasgaram o livro e papéis relativos ao alistamento. Partiram depois para à redação do jornal "O Mossoroense", onde destruíram cópias dos mesmos que ali estavam para serem publicadas. Concluída a tarefa da destruição dos editais, as revoltosas partiram para a Praça da Liberdade, onde entraram em choque corporal com um grupo de soldados da Força Pública que ali estavam para dominar a rebelião. Algumas saíram feridas, não se agravando mais o movimento, graças a interferência de pessoas neutras que foram ajudar a acabar com a confusão.

Encabeçando o movimento estava Ana Floriano, uma mulher forte, de olhos azuis, cabelos louros e estatura considerada acima do normal para o seu sexo, juntamente com D. Maria Filgueira, esposa do Cap. Antônio Secundes Filgueira e D. Joaquina Maria de Góis, genitora do historiador Francisco Fausto de Souza.

Logo após o movimento, o Juiz de Direito, Dr. João Antônio Rodrigues comunicou o fato ao Presidente da Província, Bacharel João Bernardo Galvão Alcanforado Júnior, que mandou instaurar inquérito contra a promotora do Motim das Mulheres, cuja peça processual desapareceu do arquivo do Departamento de Segurança Pública.

Em seu depoimento, o Dr. João Antônio Rodrigues afirma que o movimento contou com um número de cinquenta a cem mulheres e que as mesmas eram lideradas por D. Maria Filgueira, mulher do capitão Antônio Filgueira Secundes, 3º suplente de Juiz Municipal deste Termo, juntamente com D. Joaquina de Tal e D. Ana de Tal, que mal aconselhadas por seus maridos e parentes cometeram o criminoso ato. O referido Juiz não admitia que o movimento tivesse partido das mulheres e sim do capitão Antônio Filgueira Secundes, seu adversário político, que assim procedera para lhe prejudicar. Quanto ao número das revoltosas? "De cinquenta a cem mulheres", foi o que ele disse para diminuir a gravidade do movimento. E quanto a D. Ana de Tal, tratava-se de D. Ana Floriano, assim chamada por ser esposa de Floriano da Rocha Nogueira, pais do jornalista Jeremias da Rocha Nogueira, Diretor proprietário do jornal "O Mossoroense".

(Continuação)

Francisco Romão Filgueira, prócer abolicionista de 1883, falecido a 7 de setembro de 1958, deu depoimento ao historiador Vingt-un Rosado sobre o fato por ele presenciado. Segundo o mesmo, o movimento teria contado realmente com cerca de trezentas mulheres e que as mesmas eram chefiadas por D. Ana Floriano.

O historiador Raimundo Nonato registra que "ao tempo, Romão Filgueira era um jovem impetuoso, rapaz de boa família, exaltado, que devia se encontrar no meio da rebelião, agarrado no cós de sua mãe, Dona Maria Filgueira, esposa do capitão Antônio Filgueira Secundes, figura de prestígio do município. O jovem Romão Filgueira corria pela casa dos 16 anos fogoso e turbulento".

O escritor e historiador Geraldo Maia do Nascimento lançou, no início de fevereiro, mais uma ferramenta sobre Mossoró e região: o canal "Na História".

São fragmentos da história de Mossoró, que, segundo o próprio idealizador, "…pequenas histórias para compor a concha de retalho que é a história da nossa cidade".

A Ferramenta audiovisual ajudará aos internautas na compreensão da história de Mossoró ao longo da sua construção nos mais diversos assuntos.

Geraldo Maia, além de renomado escritor com obras publicadas pela Coleção Mossoroense, lançou cordéis com o mesma pedagogia informativa e selo editorial.

Para quem tem interesse em acessar e conhecer sobre os demais assuntos de Mossoró neste novo ferramenta informativa, acesse o canal pelo link https://www.youtube.com/channel/UC3zeeh8Ac1ZiXPv_3f2LZEA, curta, compartilhe e inscreva. Ative também o sininho. Você será notificado cada vez que no novo vídeo for postado Valorize nossos historiadores. Valorize nossos escritores. Valorize a nossa Coleção Mossoroense.

Os Motas

Qual o significado da palavra Mota? Consultados os dicionários, tem-se que, originalmente, ela designava certo tipo de lugar, portanto era um topônimo. É termo de origem controversa, talvez provençal pré-romana, para denominar aterro à beira de rio, açudes, muros, torres, fossos à maneira de um castelo ou fortaleza. Por sua vez o sobrenome "Mota", antes escrito "Motta" (conforme o italiano "Motta" e o francês "Motte"), deriva do substantivo "mota", vindo do germânico "motta". Em escocês, em irlandês e em baixo latim (o latim da Idade Média, usado quase que exclusivamente na língua escrita), "mota" e "motta", designava uma edificação rodeada por um fosso ou situada em uma elevação artificial de terra, com a intenção de criar obstáculo aos invasores.

Em Portugal, alguns genealogistas defendem a ideia de que Mota, como nome de família, vem de um sobrinho do rei de França que, em Burgos, onde se fixou, era senhor de uma edificação chamada Mota. No entanto, de concreto, sabe-se que o nobre Fernão Mendes de Gundar era Senhor da Terra do Olo, no Conselho de Gestacô, enquanto seu filho, Rui Gomes de Gondar, morava na "Terra da Motta". Este achou por bem acrescentar o nome "Mota" ao sobrenome, tornando-se o primeiro a dar início a uma família com essa denominação toponímica. Senhor de grandes posses, Rui fundou a "Quinta da Motta", na Freguesia de Celorico de Basto, região do Minho, ao norte de Portugal. Além disso, possuía bens no distrito de Lanhoso, às margens do rio Ave. Isso teria acontecido durante o reinado de Dom Afonso II (1211-1223). Dr. Jerônimo da Mota, um dos seus descendentes, foi desembargador do Paço e da Fazenda Real, Juiz e nobre da corte de Dom João III, que governou Portugal de 1521 a 1557. De Dom João, Jerônimo da Motta recebeu, por decreto, o brasão de armas da família Mota. O baiano Miguel Calmon du Pin e Almeida, o marquês de Abrantes, corrobora essa versão ao dizer que Mota, como sobrenome, deriva do nome de um lugar Mota, no termo de Vilela ou, então, da quinta do mesmo nome, na freguesia de São Miguel de Fervença, comarca de Celorico de Basto; ou de outros lugares, vilas e quintas Mota, existentes em Portugal.

Quando do seu reinado (1495-1521), em plena época das grandes navegações portuguesas e do descobrimento do Brasil, Dom Manuel I mandou reunir todos os brasões, insígnias e letreiros, visando organizar e normatizar a concessão e o uso de brasões e armas. Os estandartes com os brasões ficaram expostos no teto de uma das salas do Paço Real da Vila de Sintra, hoje chamado de Palácio Nacional de Sintra, também conhecida como a Sala de Armas. No centro do teto da sala, estão representadas as armas do rei D. Manoel I, circundadas por seis brasões, representando sua descendência masculina (os príncipes) e dois outros, em forma de losango, representando sua descendência feminina (as princesas). Circundando a sala, estão os setenta e dois brasões da nobreza da época, dispostos em ordem de importância. É um dos melhores exemplos da afirmação do poder real.

Esses brasões e armas portugueses foram também reunidos em livros, como modelos para formalização dos brasões das principais famílias lusas da época. Existiram três livros de brasões: o "Livro Antigo dos Reis d`Armas", de António Godinho, escrivão da Câmara Real, que teria desaparecido quando um terremoto destruiu o Cartório da Nobreza; o "Livro do Armeiro-Mor", de João Rodrigues, supervisor de armas de Portugal; e o "Livro da Torre do Tombo", esse de Antonio Rodrigues, também supervisor de armas. O Brasão da família Mota está tanto na Sala de Armas do Palácio de Sintra como nos três livros de regulamentação de brasões e armas portugueses.

Paralelamente à família Mota portuguesa, há a família Motta italiana, onde o sobrenome também e de origem onomástica (nomes próprios de e lugares, de origem toponímica), cuja fonte é anterior ao império romano. Este sobrenome possui muitas variantes, as mais comuns são "La Motta", "Motti", "Mottini", "Mottola", "Mottura", "Mottisi", "Mautisi", "Mottana" etc.

Alguns integrantes da família Mota tiveram títulos nobiliárquicos, em Portugal e no Brasil. Alguns deles por direitos hereditários, porém a grande maioria foi agraciada em reconhecimento a serviços prestados às respectivas coroas. A lista contém dez nobres portugueses (7 Barões, 1 Conde e 2 Senhores de Casa) e sete brasileiros nobres ostentavam o sobrenome Mota (6 Barões e 1 Visconde).

Tomislav R. Femenick – Mestre em economia com extensão em sociologia e
Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Cantinho da Poesia

Pedaço do Seu painho

Eriberto Monteiro (Homenagem ao filho)

Ver você me olhando,
querendo me conhecer,
eu sendo você,
Um ser inseparável.

Ver você,
coração batendo,
corpinho se mexendo,
um ser imaculável.

Ver você,
tão pequenininho,
pedaço do seu painho,
Ilimitável.

Otimismo

Josselene Marques

Sinto o coração nas extremidades das mãos e uma necessidade urgente de extravasar a paz, a alegria e o amor nele contidos.

Nesta hora, apenas limito-me a escrever, obedecendo, fielmente, ao seu comando.

Quero dividir com você, que me visita, estes sentimentos, indiscutivelmente, nobres.

Receba-os como uma pequena parcela de contribuição para melhorar este mundo tão castigado pela guerra, pela tristeza e pelo desamor.

Deixe-se contagiar pelo otimismo. Procure ver além do seu campo de visão.

Este planeta pode ser transmudado. Só depende de nós — que o fazemos!

Desencana

Marcus Vinícius

Por onde anda
o nada?!
Por onde nada a onda?

Onde?
Anda?
Nada...

Dentro da alma
Debaixo da lama
Em cima da cama
Sob a maca
E o gosto da maçã!

Por onde voa
a calma?

Por onde,
vai e clama...

Nada
Cada
Cadê...
A nau de mim!!!

Fogo

Airton Cilon

Era coisa de pele
Desejo flagrante.
Meu toque
Caprichosamente
Te arrepiando a pele
Deflagrando pequenas
Erupções, línguas
De fogo!

Cantinho da Poesia

Não sou tuas negas

Douglas Soares

Me inspiro em machado de Assis, desde que eu tinha... sei lá dezessete
Hoje os negros não criam raiz, tão morrendo a machado manchando manchete
Vejo essas brigas na internet, mas, nem me envolvo nessas "treta".
Eles lutam contra o racismo, mas, dizem que a coisa ficou preta

Ovelha negra não é pejorativo, calma, com isso eu nem me comovo
Chama a Princesa Isabel que os burros tão fazendo tudo de novo
Já pensei em ser cantor de rap, é isso, passado, porque eu só pensei
Muitos riram aqui desse "neguinho" e no seu kkk enxerguei kkk

Até hoje ninguém me entendeu, ou "tô" muito "grog" ou "tô" falando grego
Toda compra ilegal é do mercado livre? Não, é do mercado negro
O Brasil diz que o negro é lindo, só observo esse povo fajuto.
Quer dizer que de branco eu sou paz, se tiver de preto eu sou luto?

Andando ali pelo viaduto, celular e carteira na mão
Avistei um "neguinho" correndo, eu também vou correr, porque vai que é ladrão
Sempre fora dos padrões e no RH minha hora não chega
Não me chame de macaco meu filho, porque eu não sou tuas "nega"

Bolsonaro tá na lista negra, o que é ruim minha alma repele
Tô tentando pintar uma obra prima e ainda não encontrei o lápis cor de pele
Antes senhor de engenho, hoje eu sou engenheiro, senhor
O Brasil vem evoluindo, e os navios negreiros hoje chama metrô

Minha dança é a capoeira descalço no chão eu dispenso tatame.
Minha raiz é africana, mas pela cultura eu prefiro Miami
Desliguei o Brasil Fashion Week, pra não me sujar com padrão de beleza
Se sinônimo de amor é amar? Sinônimo de negro é pobreza?

Mas eu sei que eles amam minha cor, prova disso é que amam Bioncé
Mas fazer propaganda da Gucci nunca vi ninguém ser chamado daqui
Olha, lá vem um ladrão, você é zona nobre então corra
Olha, lá vem um ladrão, se você é do morro então morra

Corrida da inspirarão, duas vias em uma só pista.
Ou se inspira em Ronaldo Nazário ou se inspira em Ronaldo nazista
Na corrida do bilíngue, a discrepância de estudo destrói
Seu filhinho fala 5 línguas, estranho, meu povo aqui só fala boy

O mundo não é racista, se eu disser que é eu tomo um sacode
A raça negra que eles curtem, é só o grupo de pagode.
Pode me chamar de neguinho, minha imagem não vai denegrir.
Me desculpe Regina Casé, mas o negros da globo são só chroma key

Represento toda chibatada, mas não a mostrada na escola
Não curto muito futebol, estranho, porque eu curto quilombola.
Você não querer enxergar, só cega o seu sossego
Piada é coisa bem legal, piada ruim, é humor negro

Aqui nem é jogo de poker, mas eu ganho no blefe e na grife.
Quando pensarem que o negro é burro, eu chego e mostro meu cacife
Num filme de trauma, sem trama, pele preta é alvo de chacina
Não te julgo por ser ignorante, não me julgues pela melanina
Sou orgulho aonde eu pisar, descendente de gente africana
E se perguntarem minha raça, eu respondo: sou raça humana.

Benedito Vasconcelos Mendes
beneditovasconcelos@gmail.com

Uma viagem de trem Maria Fumaça

Benedito Vasconcelos Mendes

O acesso à Fazenda Aracati era pela BR-222, que passa a três quilômetros de distância da referida fazenda. Até o final da década de 1960, o trecho da BR 222 entre Sobral e Fortaleza ainda estava sendo asfaltado. Geralmente, a nossa família fazia a viagem para a Fazenda Aracati de Jeep Willys, pela BR-222.

No final da década de 1950, meu pai, Francisco Milton Mendes, repetindo o que fazia todos os anos, tirou férias do Banco do Brasil, onde trabalhava, e foi passar a Semana Santa na Fazenda Aracati, de propriedade de seu pai, José Cândido Mendes.

Era um ano de muita chuva e a estrada carroçável federal, BR-222, apresentava diversos pontos de atoleiro e estava muito esburacada. Meu pai não quis se arriscar viajar por esta estrada e resolveu ir de trem da RVC - Rede de Viação Cearense (depois Rede Ferroviária Federal - RFFSA) até a cidade de Miraíma, distante 25 quilômetros da Fazenda Aracati.

Minhas três irmãs mais novas ficaram em Sobral e a viagem foi feita por meu pai, minha mãe, minha irmã mais velha, Lourdes, e eu. Pegamos o Trem Maria Fumaça (Locomotiva a Vapor) na Estação Ferroviária de Sobral, no sentido Fortaleza.

A primeira parada do trem foi em Caioca, Distrito de Sobral, onde vendedores ambulantes ofereciam, aos passageiros do trem, milho verde assado e milho verde cozido. A segunda parada foi na Estação Ferroviária de Miraíma, onde comerciantes ofereciam para venda piaba assada com farinha de mandioca e outros alimentos.

Em Miraíma, localiza-se o Açude São Pedro da Timbaúba, daí a existência de muito peixe, para vender aos passageiros do trem. Além de peixe, eram vendidos sanduíche de queijo de coalho, bolo de milho e doce de leite em massa, acondicionado em pacotinhos de papel celofane transparente. A chegada do trem na estação era uma festa. Toda a população da cidade ia ver o trem passar ou vender piaba assada, milho verde assado, milho verde cozido, bolo de milho e doce de leite, aos passageiros do trem.

No trajeto de Sobral a Miraíma, meu pai me levou ao carro-restaurante do trem, onde tomamos guaraná champanhe com biscoito Maria. Para mim, a viagem foi muito divertida. Tudo era novidade. Da janela do trem se observava as serras e a paisagem verde, florida e viçosa da caatinga, em pleno período chuvoso.

Eu achei interessante a presença de três vagões boiadeiros, carregados com gado, que ia para o abatedouro de Fortaleza, engatados no final da composição do trem de passageiros. Composição com vagões boiadeiros geralmente é puxada por trem de carga e não por trem de passageiros. É que o trem de carga descarrilhou próximo à Sobral e os vagões carregados com bovinos não podiam esperar que recolocasse o trem nos trilhos, já que os animais necessitavam chegar ao seu destino o quanto antes, para comer e beber. A solução foi atrelar ao trem de passageiros, os três vagões carregados com animais. Andar no trem em movimento era uma aventura, devido aos fortes solavancos e ao barulho característicos do trem. Eu e minha irmã atravessamos, por diversas vezes, os vagões que separavam o vagão onde viajávamos do vagão-restaurante, pelo simples prazer de caminhar no interior do trem em movimento.

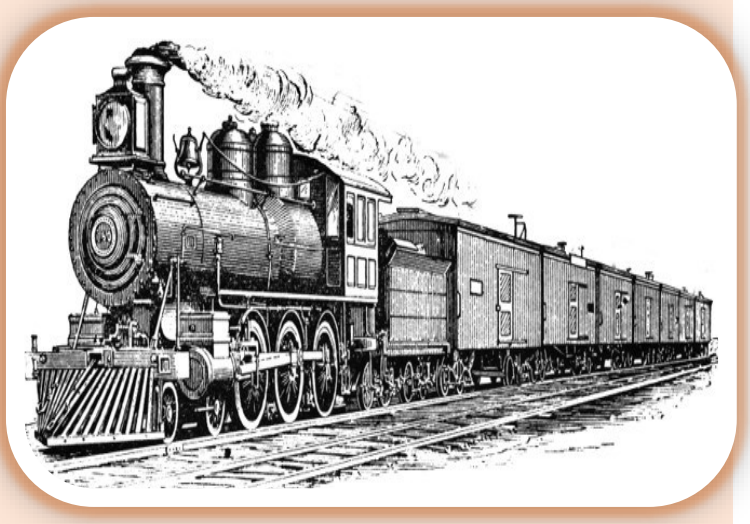
(Continuação)

Quando a Maria Fumaça apitava, todos os passageiros olhavam pela janela, para saber o motivo do apito. Além da máquina a vapor, que puxava o comboio, tinha mais dez vagões, seis de passageiros, um que servia de restaurante e três vagões de carga, carregados de bovinos.

Eu achei muito interessante o abastecimento de lenha, para queimar na caldeira e de água, para gerar vapor, responsável pela propulsão do trem. A lenha e a água foram fornecidas na estação de Miraíma. Esta foi a minha primeira viagem de trem. Depois, quando meu pai foi transferido para a Agência do Banco do Brasil na cidade de Ipu, fiz muitas viagens de trem de Sobral para Ipu e vice-versa. Neste tempo, boa quantidade das locomotivas que puxavam trem já eram a óleo diesel, sendo poucas as locomotivas a vapor usadas para tracionar trens de passageiros, pois elas eram mais usadas para puxar as composições de carga. Descemos do trem em Miraíma e montamos nos cavalos que meu avô tinha mandado para nos levar até sua fazenda. A viagem de 25 quilômetros a cavalo foi outra aventura inesquecível.

Minha mãe foi sentada de banda no silhão da égua Lua, usada por minha avó. Naquela época, mulher não se escanchava na sela do cavalo. Ela usava o silhão para viajar sentada de lado. Meu pai foi montado no cavalo estrela, que era a montaria de estimação do meu avô. Eu e minha irmã Lourdes viajamos em um só cavalo, eu na sela e ela na garupa.

O vaqueiro Sales, que trouxe as montarias para nos levar à fazenda do meu avô, conhecia muito bem o percurso entre Miraíma e a Fazenda Aracati. Os cavalos caminhavam em fila indiana. Na frente ia o Sales, depois meu pai, logo atrás minha mãe e por último eu e minha irmã.



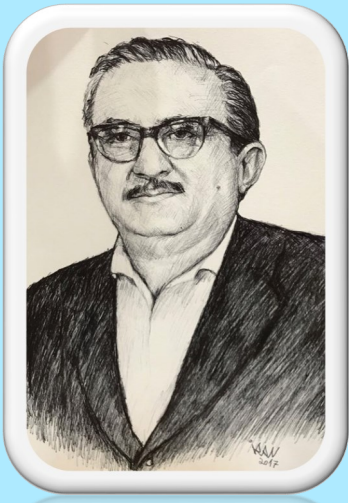
O caminho era muito estreito e, como estava chovendo, as folhas dos arbustos e árvores da caatinga nos molhavam, quando encostávamos nas plantas. Meu pai sempre nos alertando para o perigo do cavalo passar muito próximo de alguma planta de urtiga e nos molestar.

A viagem foi longa e cansativa, porém muito divertida. Eu achava bonito ver o gado gordo comendo babugem, o tempo chuvoso e muito pasto cobrindo o chão. Gostava de olhar os campos floridos, com muitos passarinhos e um chuvisco intermitente. Eu, em vez de achar ruim, me deleitava com a chuva fina e fria. À noite, minha mãe me agasalhou com duas camisas, para não pegar resfriado.

Enquanto os adultos ficavam, o tempo todo, se reclamando da canseira, eu e minha irmã nos divertíamos com tudo que víamos e sentíamos na viagem.

Chegamos na Fazenda Aracati quase de madrugada, cansados, com sono e com fome, pois a nossa comida durante a viagem a cavalo foi sanduíche de queijo com refresco de cajá, que minha mãe tinha preparado em Sobral, antes da viagem.

Coleção Mossoroense — Parte 1

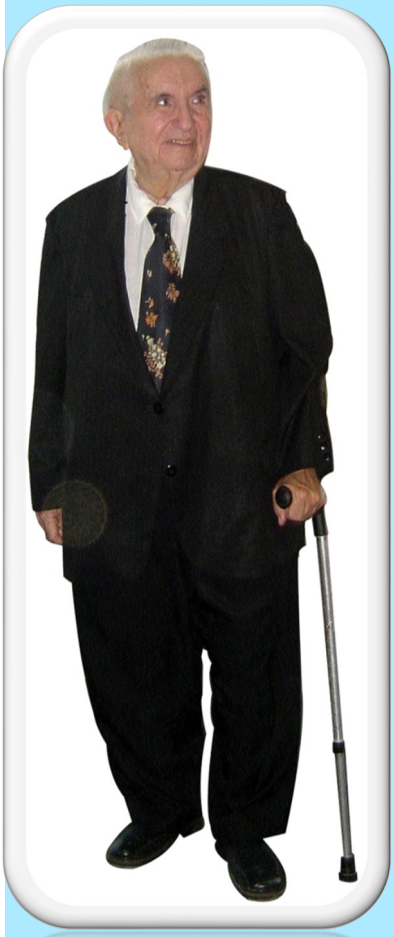


Começamos esta fase do Novo Boletim Bibliográfico relatando sobre um dos maiores agentes culturais do Brasil e que este ano completa 70 anos de existência: a Coleção Mossoroense.

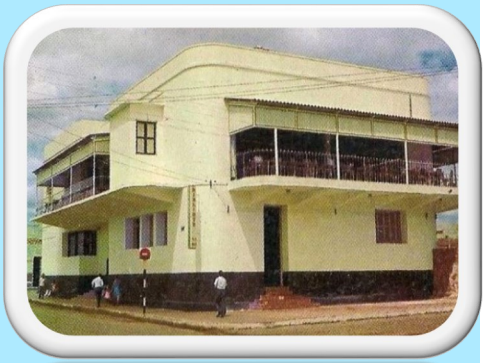
A Coleção Mossoroense nasceu de uma batalha cultural, iniciada em 1948, e até hoje prossegue como legado deixado pelo saudoso professor Vingt-un Rosado.

Tal batalha cultural deu inicio pela ideia da criação da biblioteca e museu municipais. Vingt-un Rosado sugeriu ao seu irmão, Dix-sept Rosado, então candidato ao governo municipal, inserir a ideia ao seu programa de campanha política, do candidato ao governo municipal seu irmão Dix-sept Rosado, nos idos de 1948.

Dix-sept Rosado, eleito prefeito municipal da cidade de Mossoró, cumpriu com o compromisso assumido na campanha eleitoral cinco dias após empossado: a criação, mediante o Decreto Executivo de n º 04, em 05 de abril de 1948 a Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, com 1.138 obras em 2.131 volumes, elevando esse número para 10.181 volumes, em 1956, além de 2.166 folhetos e 2.523 periódicos. De primeiro de outubro de 1948 a 23 de setembro de 1949 foram emprestados 4.950 livros. Essa construção foi considerada como o feito iniciador de um maior programa cultural acontecido numa administração pública, para a época.



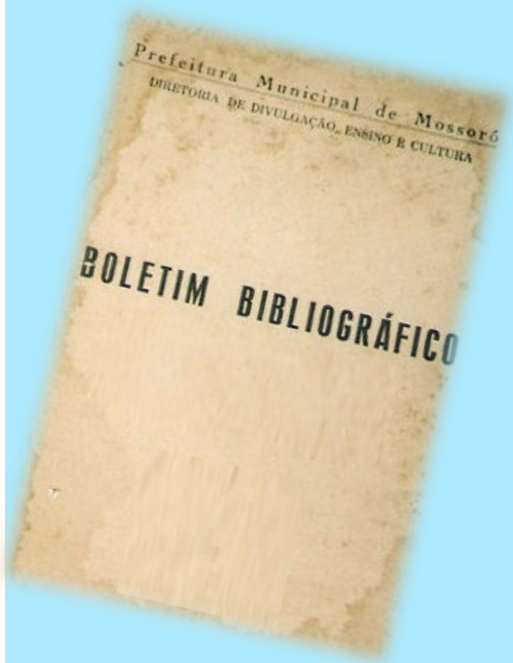
Criada mediante ato oficial, começa o processo de estruturação e organização da Biblioteca incluindo-se pessoal e implementos, cujos encargos passam a ser de responsabilidade de uma comissão nomeada pelo então prefeito. Os nomeados assumiram seus encargos competindo a cada um, de acordo com suas habilidades, as tarefas requeridas para a devida organização e estruturação da biblioteca.



Além dos encargos de redação de ofícios, da classificação e catalogação de títulos, de estudos e consultas pelos membros da comissão sobre o assunto biblioteconomia, outras providências foram sendo tomadas como a solicitação do registro da Biblioteca Pública no Instituto Nacional do Livro (INL), aquisição de títulos para compor o acervo cultural, aquisição de equipamentos e mobiliários necessários ao uso (mesas, birôs, estantes), e a conquista da liberação de uma sala no antigo Clube Ipiranga, para o seu real funcionamento.

Com vistas à sua implementação, várias campanhas para a doação de livros foram encetadas, destacando-se na época, conforme citam os registros, o empenho de Dix-huit Rosado junto à pessoas da capital, chegando a arrecadar cerca de aproximadamente 2 mil volumes, merecendo também destaque Rafael Bruno Fernandes de Negreiros que enviando ofícios circulares por todo o Brasil, consegue resultados exitosos.

Continuação

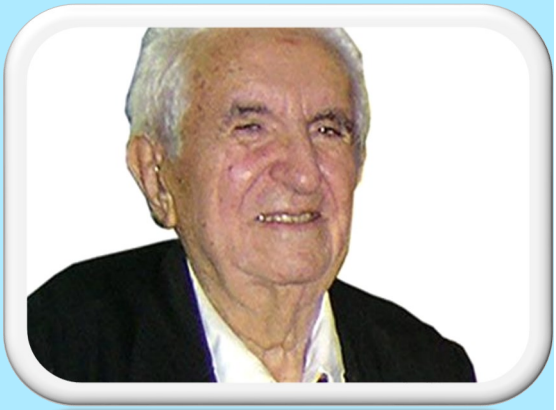

Prefeitura Municipal de Mossoró
DIRETORIA DE DIVULGAÇÃO, ENSINO E CULTURA
BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

A dinâmica da vida da Biblioteca começa a eclodir através da confecção de boletins, mediante a participação de vários voluntários, sendo numerados por assuntos específicos, como por exemplo, os registros de todas as atividades culturais exercidas no programa do governo municipal de Dix-sept Rosado e continuadas pelo governo municipal do Prefeito Vingt Rosado.

Ao assumir o governo do Estado do Rio Grande do Norte o então governador Dix-sept Rosado continua a se comprometer com a impressão do Boletim pela Imprensa Oficial, sendo o de número 31 a ser o primeiro impresso. Cabia à Prefeitura Municipal a colaboração com a doação de papel, já que a impressão era gratuita.

Na formatação e impressão dos Boletins, de início, houve uma variação de órgãos que se responsabilizavam por sua tiragem, sendo alguns feitos tanto pela Imprensa Oficial (dos números 37 ao 40), sendo outros custeados pela Prefeitura Municipal de Mossoró (dos números 41 ao 100).

Outros documentos passam a surgir como os folhetos avulsos, sendo alguns custeados pelos próprios autores, outros pela Prefeitura, além dos livros de autoria de diversos autores como: José Otávio, Luís da Câmara Cascudo, Raimundo Nonato da Silva, José Martins de Vasconcelos, editados à base de colaboradores com dinheiro, com o apoio da Imprensa Oficial, da Prefeitura Municipal de Mossoró, através da doação de papéis, dinheiro, responsabilizando-se pela maioria das publicações.



Com a estruturação de um acervo bibliográfico composto de títulos, boletins, periódicos, cordel, a "**Coleção Mossoroense**" se institui nos abissais do âmago de uma Biblioteca Pública que passava a parir os seus rebentos, começando a dar uma forma mais enfática ao movimento da "Batalha pela Cultura". Visando uma melhor performance do controle na sua organização a "Coleção Mossoroense" sistematiza-se mediante uma divisão definida por séries, entre: Série "A", "B" e "C", até 1956, além dos trabalhos avulsos sobre o "Padre Longino", "Lampião" (de autoria de Veríssimo de Melo) e "Centenário do Município" (de autoria de Raimundo Nonato).

No movimento da luta pela "Batalha Cultural" ascende como idéia, mais uma vez do Professor Vingt-un Rosado a necessidade de se instituir o Museu Municipal passando a se organizar através das seções de Arqueologia com um número aproximado de 300 peças provenientes da região de Mossoró, de Fotografias, por iniciativa de Luís da Câmara Cascudo, contando com um milhar de unidades; a de Paleontologia recebendo na época merecida honra de citações da Academia Brasileira de Ciência, pelo doutor Luciano Jacques de Morais, constando de uma coleção de alguns milhares de fósseis, originários da cidade de Governador Dix-sept Rosado e de uma valiosa coleção de peças indígenas dos Canelas, do Maranhão.

A Biblioteca Pública Municipal como diz o professor Vingt-un, "foi o ventre generoso" que deu o surgimento de várias outras ações a favor da cultura em Mossoró, através dos feitos como: a criação da Biblioteca Infantil, do Museu Municipal, o Boletim Bibliográfico, o Curso de Antropologia Cultural e a "Coleção Mossoroense" caracterizada pelas suas três primeiras séries (A, B e C), sendo considerada por Edson Nery da Fonseca "um dos mais sérios empreendimentos editoriais do Brasil".

Fonte: https://colecaomossoroense.org.br/site/a-colecao/

A FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO **informa que a campanha "Mantenha a Coleção Mossoroense Viva" através de doações por meio do pagseguro continua. E reforça a campanha, aos amigos e admiradores da Coleção Mossoroense, que a Fundação Vingt-un Rosado está recebendo doações também através do Banco do Brasil.**

Então, se você tem interesse em manter a Coleção Mossoroense viva, que os escritores sejam revelados e/ou valorizados, e ainda, que o sonho vingtaneano continue sempre presente, não deixe de doar.

Deposite, transfira, colabore. Qualquer valor é sempre bem-vindo para manter da Coleção Mossoroense viva.

Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.

Repetindo: **Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90 / Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.**

Quer ver sua poesia/poema/artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico ? Envie seu trabalho para os seguintes contatos:
(84) 98886 0520 (WhatsApp) ou pelo e-mail**: fvrcm@uol.com.br**

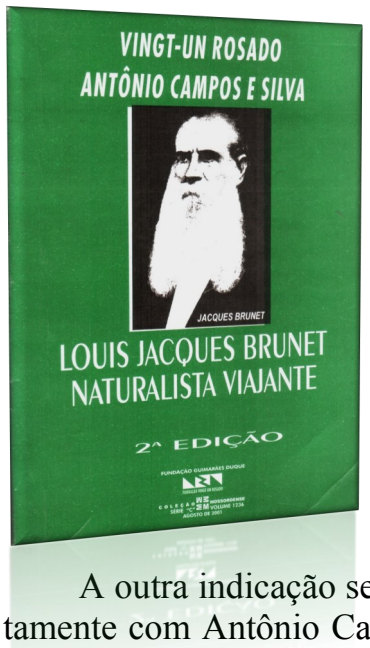
Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
dixsept@uol.com.br

Menino, menina, eu vi o fazer

(Parte 1)

Costumávamos passar nossas férias de janeiro em Tibau. Meu pai tinha lá uma casa simples, bem localizada, muito frequentada por amigos e amigas dele e de minha mãe. E pelos amigos e amigas meus e de minhas irmãs. Sabe aquele pedaço do paraíso terrestre movimentado, alegre, pôr-do-sol maravilhoso, luas de todos os tamanhos, beira-mar, morros de areias coloridas?

Nesses regalos para nós jovens ou crianças, podíamos testemunhar várias coisas e histórias. A que trago hoje refere-se a uma parte de como foi escrito o livro "Brunet, o naturalista viajante" que saiu pela Coleção Mossoroense.



Na minha opinião as universidades do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco estão devendo estudos mais aprofundados sobre o autor Vingt-un Rosado. Pouco ou nenhum estudo eu conheço sobre o estilo do escritor referido. Nunca um livro, dos inúmeros que escreveu, foi tema de vestibular ou, se muito me engano, estudados em suas salas de aula.

Tomo aqui a liberdade de indicar dois desses livros, se uma universidade enfrentasse esse grande desafio que é o de reconhecer os grandes filhos da terra nordestina.

Uma dessas indicações seria "Roderic Crandall, um mossoroense da Califórnia". Nele podemos apreciar a maneira de escrever vantaneana e observar sobre espírito comunitário, o que jovens alunos, em sua maioria, são ávidos de aprender.

A outra indicação seria sim, "Louis Jacques Brunet, naturalista viajante". foi escrito juntamente com Antônio Campos e Silva, este jovem e promissor pesquisador e poeta, cedo levado por Deus. Brunet, médico, naturalista, aventureiro, cientista, andou e estudou essas plagas brasileiras.

Após pesquisas feitas pelos autores, já naquela fase da confrontação dos dados e da redação, uma parte desse livro foi escrito em Tibau, durante nossas férias. Os autores, Vingt-un e Antonio Campos e Silva alternavam a deliciosa convivência conosco e o trabalho.

A casa era iluminada com uma lâmpada a gás, marca Coleman pesada, que ficava dependurada numa passagem entre a cozinha e a mesa a um tempo de refeições e de trabalho. Distraído pelos afazeres Antônio passava sem prestar muita atenção, chocava sua cabeça na lâmpada que fazia a luz tremer, e ele fazia a contagem ironicamente das vezes em voz alta: "trinta e cinco!". Enquanto nos divertíamos com o bom humor de Antônio, mesmo com a dor de cabeça do trabalho e da pancada na cabeça. Muita luz havia naquela cabeça!

Assim, entre Mossoró, Apodi, João Pessoa, Recife e Natal essa obra foi sendo escrita. Resultou em trabalho admirável, pois reúne figuras humanas excepcionais como Pe. Florêncio Gomes, Vingt-un Rosado, Antônio Campos e Silva e, sobretudo, Louis Jacques Brunet, o naturalista francês, viajante pelo Brasil no século XIX.

"Dor e fome não se mede, cada pessoa tem a sua!"

Tales Augusto
Professor e historiador

Numa sociedade que julga e condena, sem ao menos ouvir o que a pessoa tem, passa ou vive naquele momento, fica difícil querer permanecer neste mundo.

Não à toa que tantas pessoas acabam por tirar suas vidas, muitos já estavam mortos há tempos, só não tiveram coragem de agir.

As cobranças vem de todos os lados, famílias, sociedade, grupos que fazemos parte (escola, igreja, amigos...) e acabamos por vezes nos deixando manipular por todos e esquecemos de nós mesmos.

Não sabemos o que o outro passa, não sabemos a dor que ela possui, o que pensa ou melhor, o que desejaria fazer, agir e viver.

A fome, muitas vezes ultrapassa a fome material e vai para a espiritual. Espiritual que, dia a dia, se afasta cada vez mais das pessoas, pois tratamos o outro como números, seja numa classificação de um concurso, OAB, ENEM dentre outros ou ainda, curtidas que possuem nas suas redes sociais, número de amigos (contatos, na verdade) nos vários sites de relacionamento.

Custo a (nos) entender, porque não nos aceitamos como somos e como queremos ser, trocamos nossa vida pela que os outros querem que vivamos, comparando-nos com os outros e até com quem nunca na vida vimos cara a cara ?

A finitude humana requer um auto reconhecimento e respeito próprio, as vezes difícil, lento e que esperamos que venha a cada um de nós no seu devido tempo e este capaz de não nos perdermos antes.

Chamavam de Maluco Beleza um pensador que dá sua forma, sua maneira expressou muito do que é necessário para (sobre)viver neste mundo. Na canção TENTE OUTRA VEZ ouvimos e lemos uma ode a vida, a resiliência, ao amor próprio, este não enquanto hedonismo ou egocentrismo, mas enquanto necessidade de saber que somos capazes, pode até não ser da primeira vez, mas se insistirmos seremos capazes sempre!

Não é de hoje que observo as pessoas ao meu redor, ora consigo ri e outros momentos não consigo parar de chorar. Porque insistimos em abandonar a única pessoa que estará conosco até o último momento das nossas vidas. Por quais motivos acabamos por abandonar a nós mesmos? A necessidade de se auto reencontrar ainda é possível!

Wilson Bezerra de Moura
wilsondefatima@hotmail.com

Movimento Comunista de 1935

É possível se fazer uma avaliação do que foi o movimento comunista de 1935, em Natal e outras regiões em cidades do interior, o destroço que causou e o terror a que se submeteram as populações que por sua vez não estava preparadas para receber revoltosos políticos.

Foi uma página virada da história que não só a fez temível, como transformou a vida politica do brasileiro por onde a revolução passou, contada e relatada por muitos escritores, dentre estes o médico Vulpiano Cavalcante, e aqui para nosso Estado, deixou marcas de desesperos e desenganos para muitas pessoas sofredoras , umas com a participação direta e/ou indireta que tiveram e ainda pelo trauma e intranquilidade vivida.

A Jornalista Martha Guará certo momento de sua escrivaninha teceu detalhes pelo primeira momento do tiroteio na cidade do Natal; numa determinada noite após o jantar ela virou-se para sua Avó e perguntou-lhe lembrando-se do passado:

- Vovó que pipoqueiros são esses parecidos com tiros vindo daquele lado da Ribeira?

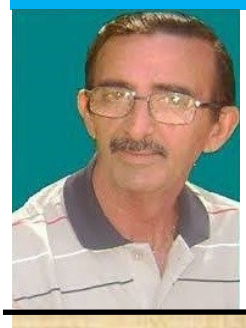
- Deve ser foguetões, respondeu-lhe a mãe, dizendo que deve ser festa de formatura, lá pelo Teatro, o que marido havia dito em sua mesma indagação como consolação enganosa.

Foi assim que a família da jornalista Martha Guará se viu na encruzilhada de enfrentar novos destinos indo bem para longe de Natal para não serem pegos pelos invasores comunistas, na noite de 23 de novembro de 1935. Assim como esta família muitas outros apavoradas tentaram escapar dos algozes revolucionários que atentaram contra a paz e o sossego de muitos.

A ideia tapeia do velho Avô Felipe Guerra para sua esposa que o induziu a preparar as mala para viajar o quanto antes, reforçada pela neta Martha Guará, não passava de uma realidade politica a que muitos natalenses assim o fizessem na tentativa de salvaguardar suas vidas.

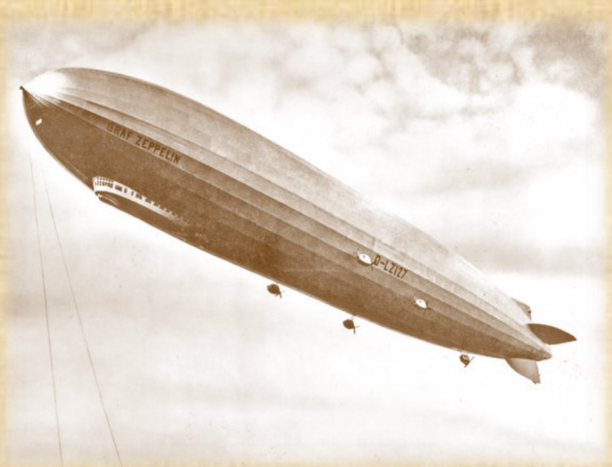
-Com sua inocência de cinco anos de idade Martha Guará disse aos Avós;

- Eu trouxe minha bonequinha para os Comunistas não levarem.



Antonio Filemon Rodrigues Pimenta
filemonamol@hotmail.com

O dirigível Zepelin



Em busca dos fatos do tempo, às vezes nos deparamos com episódios realmente incríveis. O dirigível Zepelin foi um desses. Evidentemente, não presenciei seu voo. Mas, como sempre faço, vou buscar, na fonte, os fatos. E, não poderia deixar de socorrer-me do maior arquivo histórico de Mossoró: o baú o pesquisador Raibrito, o nosso mestre Raimundo Soares de Brito.

Ele informou que, nos seus arquivos, tudo indicava que Mossoró havia presenciado o voo do dirigível, no dia 28 de maio de 1930. Para confirmar, verifiquei que na revista ICH, o historiador Tarcísio Madeiros afirmava que o dirigível "Graf Zepelin", com prefixo D-LZ-127, foi o mesmo que passou em Mossoró/RN. Desamarrou em Recife/PE, na mesma data, com o destino a Havana, em torno das onze horas e, pelas quatorze horas, sobrevoava Natal, sob grande aclamação popular, na praça Augusto Severo, sobre a qual deixou cair uma coroa de flores artificiais com dizeres; "Homenagem da Alemanha ao Brasil, na pessoa do seu filho Augusto Severo".

Em Data e fatos para a história do Ceará, informa o Barão de Studart que nesse mesmo dia passou, em Fortaleza, levando as pessoas a saírem às ruas, para apreciarem aquele estranho dirigível, e procedência alemã, sobrevoando os céus do Ceará. Realmente, informação que encontramos no Museu Histórico Lauro da Escóssia vem confirmar que a data confere com o mesmo que o sr. Raibrito nos forneceu e nos mostra a sua formação como um objeto estranho no espaço, sem asas, enorme muito comprido.

Chegam então, as lembranças dos comerciários que ouvia ainda criança desse Zepelin. Diziam que era parecido com um charuto muito grande e que vinha surgindo de dentro das nuvens, cortando os céus para pegar as crianças que não gostavam de estudar. E eu, que não o tinha conhecido, pois ainda nem tinha nascido, achava que era verdade. Era um bom motivo para correr e terminar meus deveres de casa e mostrar ao meu pai que os recebia com um sorriso nos lábios.

Quando publiquei um artigo sobre o dirigível no jornal O Mossoroense, em 1994, houve uma certa repercussão, haja vista os vários telefonemas que recebemos, solicitando mais informações sobre esse Graf Zepelin, de prefixo D-LZ-127, que fez voo nos céus de Mossoró, no dia 28 de maio de 1930. Resolvemos continuar com o artigo e acrescentar outras informações. E, de acordo coma revista da República Federal da Alemanha "Scala Rolf Rafa-andel", em sua crônicas "Colombo doa Ares", para se ter uma ideia do tamanho desse dirigível, ele diz: "Um jumbo Set Boeing—747 do ano de 1972, chega a medir 70 metros para transportar 500 passageiros. O Zepelin chegava a 245 de comprimento e acomodavam-se apenas 72 tripulantes".

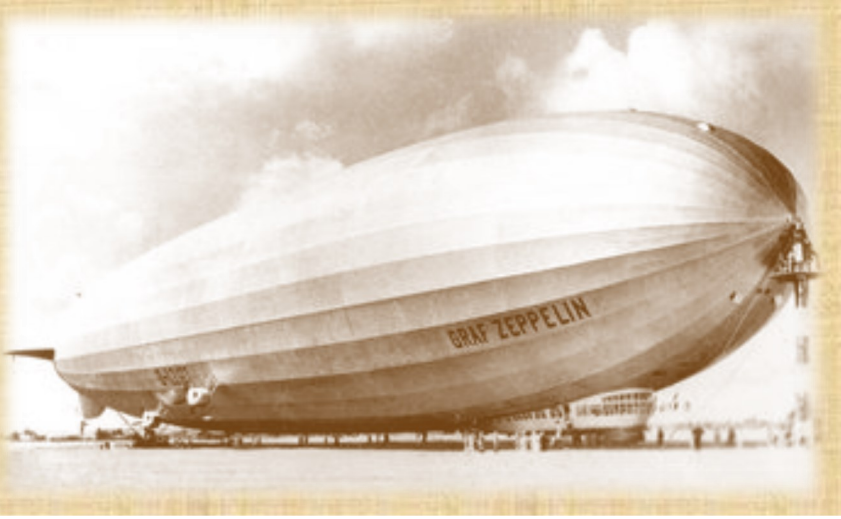
(Continuação)

Com o ingresso de Hugo Eckener, um dos pioneiros da navegação aérea alemã, na "Luftchiffbau Zepelin", e em 1908, quando se construíram dirigíveis, ele empreendeu as construção do "Conde Zepelin", o D-LZ-127— Foram transportados mais de 3000 passageiros. Com este, em 1929, ele realizou uma viagem ao redor do mundo. Temos a ideia de que foi nessa viagem que ele passou em Mossoró, na data acima mencionada.

Em 1931, foi ao círculo polar; em 1936, Eckerner organizou viagens regulares sobre o Atlântico para os Estados Unidos. Isso muito antes de se pensar nos voos regulares, realizados por aviões. Nesse sentido, são também notáveis os voos postais realizados com regularidade, por muitos anos, pelo "Conde Zepelin", para o Brasil, sob o comando de Hugo Eckerner, sobre o Atlântico, de 1928 a 1937. Em 590 viagens, o "D-LZ-127", o Conde Zepelin, percorreu 1.695.272 quilômetros .

Voltemos à passagem por Mossoró, quando o Zepelin causou grande admiração em nosso meio. Vale ressaltar aqui algumas considerações. Segundo o senhor Raimundo Soares de Brito, o filho do ex-prefeito Rodolfo Fernandes, o dr. Raul Fernandes, consagrado autor do livro "A Macha de Lampião", em suas próprias memórias, diz que "foi o primeiro e único potiguar a viajar no Hindenburg". O dirigível alemão teve efêmero período devida, fazendo poucas viagens na rota Frankfurd ao Rio de Janeiro. Raimundo Soares informou ainda que o Hindenburg tinha 41,5 de diâmetro, pesava, vazio, 130 toneladas, com autonomia de voo de 14 mil quilômetros. Tinha quatro motores diesel com 1 a 100 mil hp cada e media 246 metros (devemos esclarecer que esse dirigível ao qual o dr. Raul Fernandes se refere não foi o que passou em Mossoró).

Com a explosão dessa nave colossal, em 6 de maio de 1937, encerrou-se a era dos dirigíveis em todo o mundo. No desastre, que aconteceu no aeroporto de Lakehurst, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, morreram 33 pessoas. O Hindenburg era considerado "o orgulho da Alemanha nazista de Hitler".



Já em outra época, em Mossoró, passou também, um ônibus em formato de Zepelin, no qual as pessoas poderiam passear. Vários mossoroenses tiveram acesso a esse passeio. Por diversas vezes, ruas da cidade, segundo um dos passageiros, o dr. Laíre Rosado (pai). Aconteceu dentre os anos de 1954 a 1956. Mas, isso é outra história a contar.

Doutor Ernani Pinheiro no Novo Boletim Bibliográfico

O Novo Boletim Bibliográfico está reservando este espaço para destacar o trabalho de um dos nossos parceiros. Trata-se do Médico Psiquiatra Ernani Pinheiro. Ele é especialista em Dependência Química e Palestrante. Atende na Nossa Clínica, situada à rua Dr. João Marcelino, 1901, Abolição - Mossoró/RN— Telefones para contato são.: 55 84 3315 8800 / 3061 6161.

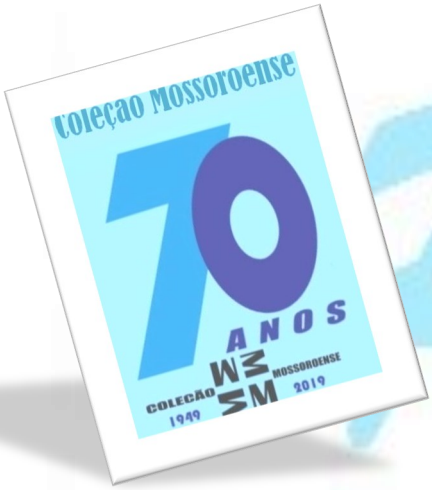
Doutor Ernani Pinheiro disponibiliza ferramentas virtuais nos seguintes endereços:

* http://drernanepinheiro.com.br/ e
* https://www.youtube.com/channel/UC5hm5h1fStVYC_tlF_b4WVA/videos

Na sua página, ele disponibiliza informações sobre: Esquizofrenia, Psiquiatria Positiva, Déficit de Atenção (TDAH), Medicina do Estilo de Vida, Depressão, Ansiedade, Fé, religiosidade e Psiquiatria, Geração Y, Saúde Mental, Transtorno bipolar, Dependência de Internet, Relacionamentos afetivos, Questões existenciais, Dependências de jogos, Dependência Química, dentre outros.

No seu canal, inúmeras informações e dicas como melhorar sua saúde mental e emocional. Acesse, inscreva, compartilhe e ative o sininho para receber notificações de novos vídeos postados.

Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos



A Fundação Vingt-un Rosado, mantenedora da Coleção Mossoroense promoveu o Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos.

O evento fez parte do Projeto Coleção 70 que tem o objetivo comemorar os 70 anos de existência e resistência da Coleção Mossoroense, maior movimento editorial sem fins lucrativo do Brasil. Inclusive, o tema escolhido foi "Coleção Mossoroense, 70 anos", podendo os participantes explorar as mais diversas facetas acontecidas durante a existência da/na Coleção.

As categorias disponíveis para a disputa deste concurso foram: conto, crônica, poesia e trabalho jornalístico, tendo uma baixa participação popular, segundo Eriberto Monteiro, idealizador e atual editor da Coleção Mossoroense.

Segundo Eriberto, "A participação foi muito tímida pelo que representa e pela importância da Coleção Mossoroense para o povo brasileiro. Infelizmente, tem pessoas que só lembram da Coleção Mossoroense quando precisa dela. Mas, para a gente que resolveu fazer esta homenagem em busca de publicar o título 5 mil da Coleção, é um fato histórico. E quem participou, já faz parte desta história que perdura 7 décadas. Durante o período de recebimento de material literário, o participante pode desenvolver o tema relacionados aos 70 anos de existência da Coleção Mossoroense, como foi sugerido". E Eriberto continua: "Apesar desta tímida participação no concurso. está sendo uma homenagem bonita. Vários textos muita qualidade literária. E revelações que somente a Coleção Mossoroense pode proporcionar".

Eriberto relacionou diversos tópicos que poderiam ser explorados para participar deste concurso. Estes tópicos/sugestões foram publicados em diversos meios de comunicação e foram utilizado como forma de facilitar a participação.

Os vencedores e os classificados foram contactados para receber suas devidas premiações, conforme o edital publicado neste meio de comunicação.

Acompanhe, abaixo, os vencedores de cada categoria:

CONTO

1º lugar – **Raimundo Antonio de Souza Lopes** – Texto: **Um parto diferente;**
2º lugar – **Misherlany Gomes Araújo** – Texto: **A Velha Ursa do Paraú;**
3º lugar – **Thiago Jefferson dos Santos** – Texto: **Óleo sobre tela.**

CRÔNICA

1º lugar – **Ângela Maria Rodrigues de Oliveira Pereira Gurgel** – Texto: **Obras publicadas, sonhos realizados pela Coleção Mossoroense;**
2º lugar – **Josselene Maria Marques Ferreira** – Texto: **A realização de um sonho**;
3º lugar – **José Edilson de Albuquerque Guimarães Segundo** – Texto: **Jerônimo Rosado, o avô da Coleção Mossoroense.**

POESIA

1º lugar – **Gualter Alencar do Couto** – Texto: **70 anos da Coleção Mossoroense, de Vingt-un à Dix-sept Sobrinho;**
2º lugar – **Margareth Freire de Souza** – Texto: **Vingt-un;**
3º lugar – **Paulo Ricardo Morais Lucena** – Texto: **Renascimento de uma Coleção.**

TEXTO JORNALÍSTICO

- **Francisca Anastasia da Silva Correia – Coleção Mossoroense, um legado de Vingt-un para o mundo.**

Serão premiados melhores trabalhos acima citados de cada categoria, recebendo os vencedores, os seguintes prêmios:

1º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 25 exemplares da coletânea;
2º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 15 exemplares da coletânea;
3º lugar: Conto / Crônica / Poesia / Texto Jornalístico – 10 exemplares da coletânea;

(Continuação)

Os trabalhos ganhadores serão publicados pela Coleção Mossoroense, em formato de coletânea, sendo este, o quinto milésimo título publicado com o selo da Coleção Mossoroense;

Cada ganhador e os que foram agraciados com menções honrosas, receberão, respectivamente, na Noite da Cultura a ser realizado no dia 26 de setembro em comemoração ao aniversário de Vingt-un Rosado e da própria Coleção Mossoroense.

Os concorrentes, no ato da inscrição do concurso, cedem todos os direitos autorais de veiculação e divulgação dos respectivos textos à Fundação Vingt-un Rosado;

Estes e mais os classificados que receberão as menções honrosas, serão contactados para o detalhamento final das premiações.

Informamos, desde já que a coletânea está em processo de composição editorial. É possível que não tenha tempo disponível para a entrega dos livros aos vencedores na data marcada, dia 26 de setembro. Assim sendo, será marcada uma nova data de entrega dos livros para cada vencedor. Mas, deixamos sob aviso…

Os nomes dos vencedores de cada categorias foram publicados no site da colecaomossoroense.org.br (https://colecaomossoroense.org.br/site/2019/08/23/fundacao-vingt-un-rosado-comunica-os-vencedores-do-concurso-literario-colecao-mossoroense-70-anos/) e, hoje,

A Fundação Vingt-un Rosado também divulgou, em seu site, os demais vencedores, conforme a qualidade do trabalho e pontuação recebidas pela comissão julgadora. Eles receberam menções honrosas, de cada categoria;

CRÔNICA:

Odemirton Firmino de Oliveira Filho - Texto: **"Diálogo com o passado"**;

Eriberto Esdras de Oliveira - Texto: **"O Pico Branco nas páginas da Coleção Mossoroense";**

Francisco Vieira Filho - Texto: **"Exército pela Cultura";**

Francisco de Assis – Texto: **"Do fundo do baú".**

POESIA

Martha Cristina Eleutério Maia - Texto: **"A escrita";**

Yáscara Samara Oliveira 70 anos - Texto: **"Um sonho, uma vida";**

Pedro Victor da Silva Azevedo - Texto: **"A obra de um gênio";**

CONTO

Inácio Augusto de Almeida - Texto: **"Manhã de domingo"**.

A Fundação agradece a participação de todos e agradece pela valorização da Coleção Mossoroense por parte dos escritores.

Próxima edição, o Novo Boletim Bibliográfico trará detalhes da entregada premiação e da festa da cultura, na XLV Noite da Cultura, que será realizada na Loja Maçônica Jerônimo Rosado.

Projeto Coleção 70 MM